ANO I — N.º 7 — 3 DE JULHO DE 1941 — PREÇO: 1 ESCUDO

Vida Mundial Ilustrada

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

BIBLIOTECAS MUNICIPAIS LISBOA

O MAJOR NEUTEL DE ABREU, herói das campanhas de África, foi há dias alvo de justa consagração na Sociedade de Geografia. A foto mostra-nos a sua entrada na sala onde se efectuou a sessão. O major Neutel de Abreu caminha com dificuldade, amparado por seus filhos e acompanhado pelas entidades oficiais.

Redacção e Administração: Rua Garrett, 80, 2.º · Lisboa Telefone 2 5844

Vida Mundial Ilustrada

JOSÉ CÂNDIDO GODINHO
Director

JOAQUIM PEDROSA MARTINS
Editor e Proprietário

NOS PRÓXIMOS NÚMEROS, COLABORAÇÃO DE

PROF. DR. MANUEL RODRIGUES
PROF. BARBOSA DE MAGALHÃES
FERREIRA DE CASTRO
PROF. DR. HERNÂNI CIDADE
GENERAL FERREIRA MARTINS
DR. LOPES DE OLIVEIRA
AUGUSTO PINTO
MANUEL L. RODRIGUES

LUIZ TEIXEIRA
ASSIS ESPERANÇA
DR. SOUSA COSTA
ROBERTO NOBRE
JOSÉ DE FREITAS
DR. CASTRO FERNANDES
DR. JOSÉ RIBEIRO DOS SANTOS
DR. CAMPOS PEREIRA

DR. ANSELMO VIEIRA
JOAQUIM PAÇO DE ARCOS
JOSÉ LOUREIRO BOTAS
MARIA ARCHER
GRACIETTE BRANCO
HELENA DE ARAGÃO
AUGUSTO DA COSTA
MÁRIO BARROS, Etc.

DESENHOS ANIMADOS

1 — RUMO

Como de costume encontrámo-nos na escada. Ela subia e eu descia. Começou logo a conversa por causa da falta de espaço:

— Bom dia, não: boa tarde... (emenha levantado àquela hora).

— Bom dia, não: boa tarde...) emendou ela com um sorriso que me saltou logo à vista).

— O sorriso é que está a mais...

— Pois está... Enquanto eu venho do trabalho vai V. dar o seu passeio matutino...

— Vou trabalhar agora... Dar uma lição... Inverlem-se os termos ao quebrado divisor e pratica-se a regra da multiplicação — nada mais fácil... Pois isto de nos encontrarmos sempre à mesma hora e no mesmo sítio é muito simbólico...

— Simbolismo de escada abaixo..., respondeu ela que era danada para o trocadilho.

— Veja bem: eu desço e V. sobe... Um encontro e dois rumos diferentes que se cruzam... Caminhos cruzados...

— Leu o Verissimo?!...

— «Caminhos Cruzados»... Bem sei... Li todos os livros dêle...

— Todos?!... Então porque é que tem a mania das literatices?!...

Houve um silêncio, daqueles silêncios que fazem eco. Ela parecia-me, tôda de branco e loira, a minha consciência. O sr. Grilo do Pinóchio. Aquela do Verissimo e da mania era forte. Reagi:

— Já viu uma amendoeira em flor?!...

— Já...

— Então porque é que tem a mania de andar vestida de branco?...

O seu riso espumoso e fresco era uma ponte. Comecei a andar na ponte. Ela, porém, segredou:

— Cuidado... Está lá em baixo a porteira... e ouve tudo o que dizemos... Adeus...

E subiu. Eu desci — na escada, na emoção e na vida...

Esta vida anda cheia de porteiras. Porteiras que escutam o que dizemos. E o que dizemos não é, afinal, aquilo que sentimos. Pois só podemos sentir aquilo que as porteiras querem.

2 — BARCAROLA

...e foi então que o belo e loiro príncipe encontrou a loira e bela guardadora de patos. E logo ali lhe jurou um amor imenso como o mar, eterno como a vida e resplandecente como as estrêlas. E foi então que a bela e loira guardadora de patos lhe preguntou se era rico.

3 — CINISMO

Segundo notícias da província, perto de Abrantes, um burro atirou-se a uma rapariga que o levava pela arreata.

E de tal forma descompassada o fêz que a mordeu tôda.

E agora — chamem-lhe burro...

4 — O CAVALEIRO DAS MÃOS IRRESISTÍVEIS

Êle tinha os olhos iluminados por dentro:

— Sabes?!... O amor é uma estrêla acesa no céu, um clarão mais forte e mais alto, uma melodia encantada e bela...

Ela, então, disse-lhe que estivesse quieto por causa da mamã.

5 — O MEU CANÁRIO

Não é por me gabar — mas tenho um canário.

É um pássaro honesto e optimista. O seu papinho amarelo e redondo oferece ao seu perfil uma curva cheia e elucidativa. A representação fidelíssima de quem se encontra bem instalado na vida. Pudera... Alpista e gêma de ôvo.

O meu canário tem quatro poleiros onde pode saltitar à vontade na sua gaiola sempre virada para o Sol.

Bem sei que a Primavera por que êle suspira não passa duma ficção meteorológica. Mas a sua garganta ingénua e vibrante canta no azul. Sobe pelos espaços e trepa às mais altas ramadas das árvores

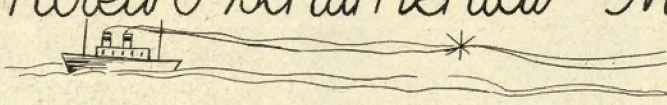
O que lhe estraga a vida é a história dos quatro poleiros. Nunca está em nenhum, porque quere estar em todos.

Se me disserem que isto não é filosofia — deito o canário à rua.

RUY FOLHA

Roteiro sentimental do Mediterrâneo

por Luiz Teixeira



ERA ainda intensa e magnífica de influência no mercado do turismo a «corda» dos americanos que vinham ao velho mundo para beber «whisky» nos «cabarets» da noite, em Montmartre, e entreter-se no cálculo ingénuo das alucinações sangrentas do Tribunal Revolucionário, através das galerias assustadoramente silenciosas do Museu Grévin.

Progredia por tôda a parte o excursionismo. Para atender as caravanas constantes eram mais numerosos os intérpretes nos cais. Também eram em maior número junto das ruínas dos templos gregos e das Pirâmides em Pompeia, na Ática, em Roma ou em Taormina, aqueles deliciosos guias que tinham da arqueologia e da mentalidade do turista tão exacta noção que os derradeiros sinais das remotas civilizações eram sempre, no seu descritivo erudito, um tema de excelente divertimento.

Em «maillot» ou em mangas de camisa, nos barcos da Cosulich, gozando férias de Agôsto no mar; em ranchos ansiosos de sensação e de ineditismo na velocidade dos «tropedones» dos Wagons-Lits, nos fatigantes itinerários das grandes cidades para encontrar, na mesma jornada, um quadro de Rubens num museu famoso e uma salsicha de Francfort num quiosque pitoresco, eis o que fazia o prestígio do turismo, a boa disposição do espírito e a alegria de viver na Europa de há poucos anos.

Julho, nesse tempo, era precisamente o período da campanha aguda para a **invitation au voyage.** Duhamel, infatigável viajador, quis, então, juntar o seu grito profético à literatura optimista e convidativa das agências de excursões: — «É o momento oportuno — bradou êle. O Mundo está ainda aberto, a-pesar-dos passaportes, dos «vistos» e das dificuldades cambiais. Pode ver-se ainda alguma coisa do prodigioso espectáculo. Amanhã, o pano descerá, talvez: guerras ou revoluções virão, possìvelmente, fecharnos nas nossas fronteiras severas. Decidi-vos — porque esperam?»

Duhamel tinha razão. O pano desceu já, efectivamente. O Mundo fechou-se para a investigadora curiosidade dos turistas. É impossível ver o prodigioso espectáculo.

A estas horas, a legenda que eu vi em grandes letras a ouro sôbre a porta do «grill-room» do «Vulcânia», cheio de vedetas da Wall Street a caminho das praias da Côte d'Azur: — **«Comei, dormi, bebei e gozai!»**, deve ter sido, com certeza, substituída por estas palvras renovadas de actualidade que Paul Morand escreveu, algum dia, para definir uma variante de **«cette danse nouvelle, le voyage»: — «Les guerres elles-mêmes sont des voyages, des voyages de nations».**

A guerra vai aniquilando, dia a dia, na vida dos povos, o gôsto do uso das mais agradáveis conquistas do progresso. As vastas, simplificadas e atraentes possibilidades de viagem — **«a volta ao Mundo por 80 francos depois da volta ao Mundo em 80 dias»** — estão agora totalmente comprometidas. A angústia dos refugiados substitue a despreocupada alegria dos turistas. Lembrar o Mediterrâneo por sugestão das referências diárias nos comunicados militares é perturbar com sobressaltos de mágoa o enternecido enlêvo que envolve na nossa imaginação o dôce «luar» duma saüdade — a romântica morfina dos viajantes.

¿Como será agora, sob o susto dos «raids» e sem população civil, a Main Street, em Gibraltar? Nem a feira barulhenta dos mercadores de bonecos de marfim, sêdas com serpentes e dragões, Budas de porcelana e futilidades de cais, nem as canções das «tonadilleras» do Royal-Bar que faziam as delícias de folgança ruidosa da marujada, em noites distantes de descanso no pôrto. No cemitério pequeno e florido, junto da muralha, os heróis de Trafalgar sonham, talvez, com façanhas antigas, enquanto no Kingsway, onde me diverti com os «clowns» dum circo vagabundo, se armam agora as tendas das tropas recemchegadas.

Ilha de Malta, paços da Grande Aventura. Foram-se há muito as galeras da Ordem após os cercos demorados da gente do Sultão. Perderam-se no tempo os últimos gemidos dos escravos remadores, esfomeados e nús, que levavam para as audazes abordagens da pirataria e dos infiéis a lenda da tradição guerreira que ia em cima, no convés, altiva e sem temor, vestida de capa vermelha com cruz branca de oito pontas sôbre o coração.

Pelas ruas estreitas de La Valette onde paira, indefinida e ténue, a poeira subtil do romance dos bailios e cavaleiros doutras eras, cheguei ao Palácio e à Igreja de S. João. Ali guardam-se os restos mortais do grande espectáculo das batalhas — as armas, os vistosos capacetes, as armaduras esburacadas, todo o recheio de guarda-roupa duma ópera de largos efeitos decorativos e estrondosas descargas musicais. Aqui, na Igreja, jazem os fidalgos, quatrocentos bailios e cavaleiros de todos os países, personagens da nobre legenda de heroismo da Ilha de Malta. Lembro-me do túmulo deslumbrante do grão-mestre português Manuel Pinto da Fonseca que aos noventa anos ainda gastava em festas magnificentes o dinheiro das missas por alma dos cavaleiros falecidos... Maurois registou a sua resposta ao censurarem-no por aquele facto: — «Estou muito velho... Eu tratarei do caso, em breve, quando me encontrar com os nossos irmãos mortos...» A uma escura tem no alto o retrato do grão-mestre. Emmoldurando-o a Fama e um Menino parecem sorrir num enternecimento malicioso.

No pôrto, os «dghaisas», barquinhos típicos de dois remos — a primeira sugestão de aspecto das gôndolas venezianas — ainda devem teimar entre o vulto dos grandes cruzadores e os panos das muralhas, no capricho sedutor dum apêlo à graça e à ventura de viver sem outros perigos de combate do que a sobrevivência imaginosa dos fantasmas locais para o quichotismo audaz das novas cruzadas.

Goëthe tinha, na verdade, razão. É preciso visitar a Sicília para que perdurem no nosso espírito, demoradamente, as mais belas imagens de recordação dum passeio na Itália. Quem tenha passado ao largo da Ponta da Europa sem parar seguidamente em Palermo, em Messina, em Catânia, em Taormina ou Agrigento, para estudar, mesmo na ligeireza dos rápidos itinerários, as origens da arte árabe-normanda, a contemplar os mais belos mosaicos do universo, as trinta e quatro colunas do Templo da Concórdia, na antiga Akragos, ou a ver do alto do Monte Pelegrino descer a tarde em imprevisto espectáculo de luz sôbre a paisagem — tão bela! — da terra siciliana, não terá uma ideia completa do Mediterrâneo nem entenderá a história ambiciosa dos fenícios, dos cartagineses, dos gregos e romanos, dos árabes e espanhóis nas suas tentativas através das idades para a posse dêste privilegiado território de beleza e de arte.

Deixei numa tarde de verão o litoral siciliano, a alegria festiva das suas cidades ornamentadas com as flores miúdas e garridas das cevadilhas e os seus campos onde o limoeiro cresce entre os altos perfis dos ciprestes melancólicos e a cabeleira agitada dos chorões. O Etna e o Stromboli tinham já desaparecido no horizonte quando um criado de bordo veio espreitar à minha cabina e gritar num aviso estridente: — Napoli! Ouvi-o ainda, corredor fora, a trautear no ritmo da Tarantela: — **Vedere Napoli e poi morire!** Dias depois, quando parti, já familiarizado com a multidão que descia a «via» Roma até à Praça de Dante para ir, a seguir, alargar-se em arrastado passeio do entardecer no «corso» Umberto I, trazia comigo, das panorâmicas do golfo, do encanto dos arredores, do pitoresco sujo dos bairros populares, recordações que ficariam para tôda a vida se Veneza e a Dalmácia não estivessem incluídas no meu cruzeiro.

Já disse que Veneza é a cidade

(Continua na pág. 14)

MALTA a Ilha bombardeada mais de 500 vezes

DESDE O COMÉÇO DA GUERRA, Malta — sentinela inglesa no Mediterrâneo — ouviu já, por mais de 500 vezes, o sinal de rebate aéreo. A grande fortaleza, de que damos, em cima, um aspecto impressionante, tem sabido resistir aos ataques. À esquerda, uma das mais movimentadas ruas da cidade de La Valleta, em Malta. Em baixo: uma unidade da esquadra no pôrto.

Panorama Internacional

Os oito silêncios de Adolfo Hitler

* por Francisco Velloso *

SE Estaline, ao assinar o pacto de 1939 com Ribbentrop, não tivesse caído desautorizado no conceito do operariado de todo o mundo e não arrastasse consigo o bolchevismo e a mística revolucionária da insurreição comunista, os canhões que retroam na fronteira da União Soviética, ecoariam a estas horas por tôda a Europa entre entoações unísonas da *Internacional*. As polícias e guardas de todos os Estados, em defesa da civilização e da ordem, tomariam as entradas de fábricas e oficinas.

O que salvou agora o mundo de tal risco, foi que não estamos diante da *guerra social*, mas dum *Kriegspiel*, dum quadro de guerra alemão, dum caso, porventura o maior, desta guerra enorme e flageladora.

O CONSELHO DE BISMARCK

BISMARCK

De facto, ao rebentar o conflito germano-russo, todo o mundo sentiu que, começára uma nova fase, não já das iniciativas conquistadoras de Adolfo Hitler, mas da própria guerra. Com efeito, três nações poderiam enfrentar a Alemanha na última modalidade histórica da sua expansão, o *Grande Reich:* — a França, a Inglaterra, a Rússia. A primeira tombou debaixo da avalanche mecanizada dos exércitos alemãis de terra e do ar. A guerra poderia ter terminado ali. Eram êsses pelo menos os cálculos de Berlim. Do outro lado do Canal, ergueu-se, porém, a voz britânica de Churchill a bradar e impor, de dentes cerrados: — a guerra continua. Durante quási dois anos, a Inglaterra sustentou o assalto alemão e devolveu ao Reich, com usura espantosa, as rajadas destruidoras dos bombardeamentos. Por todo êsse longo tempo a Rússia foi a espectadora e cúmplice repugnante do drama pavoroso que soerguia as inquietações pávidas do mundo. Ninguém supunha — porque só os atentos às minúcias da evolução dos acontecimentos podiam antevê-lo, e ainda assim, com incerta demora — ninguém supunha que um dia se haveria de repetir sob nova forma o pesadêlo de Berlim de 1914 a 1917. E no entanto...

Em 1879 escrevia Bismarck a Saburow: «A história, que eu saiba, não contém exemplo algum de Estados limítrofes cujos interêsses andem ligados e entrelaçados, como os interêsses germano-russos. Vejo nisto um sinal da Providência». E mais tarde: «A conservação de cordiais e confiantes relações com a Rússia, a certeza de ter o seu apoio em casos de conflitos na Europa, torna-nos por assim dizer inatacáveis».

Guilherme II desatendeu o conselho de Bismarck. O pavor das coalisões e da guerra a duas frentes tirava o sono ao chanceler depois de 1871.

POVOS MACHOS E POVOS FÊMEAS

HITLER

Hitler escutou o. Mas à sua maneira. Entre êle e Bismarck há, acêrca dos eslavos, a mesma concepção. Para o Chanceler de Ferro, os povos tinham uma diferenciação fisiológica: — «há povos-machos e povos fêmeas». Os germanos, o povo-macho, «são homens por si mesmos, mas isoladamente, ingovernáveis, cada um dêles tem caracteres distintos; reünidos tornam-se torrente que varre tudo à sua passagem». É passo de uma carta sua a Bluntschli professor de direito em Heidelberg em 1868. E acrescentou êste pormenor curioso: «Os prussianos formam uma raça fortemente mesclada de elementos eslavos e germanos, aliam à docilidade do eslavo a virilidade inherente ao carácter germânico». O eslavo é o povo fêmea.

Em 1924, Hitler dizia: A organização do Estado russo não é devida às aptidões políticas do eslavismo na Rússia, mas ao notável exemplo de actividade do elemento germânico de criar Estados numa raça de pouco valor».

Dez anos depois, isto é no seguinte ao seu acesso ao poder, Hitler já readaptara estas suas concepções rácicas a respeito dos russos, às suas visões políticas de chefe efectivo do Terceiro Reich. No Instituto Planista do professor Koch, um seu discípulo e também professor Grünberg, criara o que denominava as «paisagens do futuro». Nestas paisagens avultavam as do plano económico e entre elas a que reünia num bloco gigantesco a Alemanha e a Rússia Ocidental. «Mas era a Alemanha quem organizava e executava os projectos». Êsse bloco ia de Flessingue a Vladivostok, do mar do Norte ao mar do Japão.

A GUERRA FATAL

GOEBBELS

Quando lhe explanaram a ideia do professor Koch, Hitler comentou-a assim: «Querem-me demonstrar dêsse modo que a união da Alemanha e da Rússia nos salvaria de tôdas as dificuldades. Mas, é claro, se por êsse facto a minha situação melhorasse, porque não haveria eu de assinar um acôrdo com a Rússia? Não tenho prevenções de espécie alguma».

Com efeito, com Goebbels e Rosenberg à frente, havia e há no partido, embora contra muitas opiniões do povo aelmão, uma corrente que propagandeava e defende a identidade ou pelo menos o estreito parentesco do nacional-socialismo com o bolchevismo. Jacques Lacretelle escreveria anos depois que entre os dois havia tanta diferença como entre o Polo Norte e o Polo Sul, — apenas uma questão de posição geográfica. Hitler ia naquela primeira corrente: «Entre nós e os bolchevistas existem mais pontos comuns que divergências. Os pequenos burgueses sociais-democratas e os bonzos dos sindicatos nunca poderão vir a ser autênticos nacionais-socialistas. Os comunistas — sempre!».

Naquela tarde de conversa em Berlim, êle continuou:

«É coisa que pode muito bem acontecer um dia, um entendimento germano-russo. *E por culpa da Polónia em grande parte.* Mas Koch ilude se apesar de tudo. Se acaso seguíssemos a sua orientação, nunca obteríamos o resultado total de que absolutamente carecemos. Não será por *êsse grande desvio* que chegaremos a constituir um vasto bloco de Estados dominando o universo. *Tôda e qualquer partilha de influência provocará, de facto, o máximo de desconfiança entre êsses dois associados. E, no fim de tudo, o que sairia de tal pacto seria a guerra decisiva, a guerra que não poderia ser evitada. Um chefe só, e não dois. Daí, a necessidade de derotar a Rússia. Depois do que, terá Koch a oportunidade de realizar pràticamente as suas plantas e traçados. Depois, mas não antes».*

O dissídio antevisto lùcidamente por Hitler abriu se no seu fóco histórico, ao partilharem-se as zonas de influência nos Balcãs. Quem marcha para leste, encontra sempre a Rússia com czares ou sem czares.

Só pode haver um chefe: — Hitler, e não dois: — Hitler e Estaline.

A guerra tinha de vir. E veio inexorável e fatal, e, sobretudo, como dizia o *Führer* há sete anos, *decisiva.*

NO XADREZ DE CHURCHILL

DENTZ

Para ilustrar esta resenha de acontecimentos inevitáveis, nada mais interessante do que vê-los já espelhados nas atitudes das potências perante o facto da invasão alemã das terras soviéticas.

A Inglaterra sacode das sandálias à porta da Câmara dos Comuns o pó de uma conivência, aliás impossível, com o comunismo, e coloca diante de Molotov a solidariedade britânica contra o inimigo número um: — o hitlerismo. É a lógica do maior proveito. Foi para isso que a Gran-Bretanha nunca saiu de Moscovo. O discurso em que Churchill o enuncia é um requinte de argúcia. Nunca o grande orador foi mais pronto porque, irrompente a invasão na madrugada de 22, êle à noite logo mostrava ao mundo o seu panorama inglês. Nunca também foi mais hábil ao alegar a defesa humanitária das populações humildes da Soviécia imensa. E decerto lembrava-se de que Hitler para fazer essa guerra decisiva fôra obrigado a sustar o prosseguimento da campanha de Creta sôbre a Ásia menor e o Egipto, a retirar tropas e aviões para a fronteira, substituindo-os por italianos, a deixar o general Dentz cair sòsinho na Síria e no Líbano, a transigir com a Turquia, a abandonar o Iraque, a permitir a coartada feliz de Wavell na fronteira da Líbia e tudo isto exactamente na mesma altura em que, faz agora 15 dias, a aviação inglêsa ganha e demonstra um ascendente tremendo, dia e noite, contra as posições do Reich no continente. A Inglaterra respira.

A França emitiu voz de que se colocava ao lado da Alemanha contra o comunismo. Só falta a Darlan provar que foi por causa do comunismo que a Alemanha invadiu a Rússia. O primeiro ajuste de amizade e não-agressão para o tratado germano-russo — o segundo Rapallo — de 1939, foi concertado e realizado entre Berlim e Moscovo ainda durante o conflito espanhol, quando Hitler e Estaline pareciam degladiar-se.

A Bulgária vem pela Alemanha, esquecida de que à Rússia dos Czares deve o ser nacional. A Turquia fica onde está melhor, junto da Rússia: — na neutralidade, a defender os Estreitos. Do outro lado do Atlântico, Roosevelt descongela 40 milhões de dólares dos depósitos soviéticos e não podendo dispôr de material de guerra senão lhe comprarem com êsses dólares, promete mandar agasalhos e meias. O Japão não atinou ainda com o caminho a seguir, impossibilitado de manter duas campanhas (contra a China e contra a Rússia) sem perdas de vulto, e sem se desfalcar perante os Estados Unidos, as Indias Neerlandesas e a Austrália.

Um alemão de categoria anunciava aqui em Lisboa há um mês: «Depois da Grécia, fecharemos a paz com a Turquia e iremos à Rússia. Depois, será a vez da Inglaterra. Tudo antes do inverno, naturalmente».

Assim foi. Churchill apontou esta nova guerra com o prelúdio da invasão, mas não deixou de marcar com intenção assás clara a coincidência dela com o recrescimento da energia britânica, e como, sendo impossível estar com igual poder em tôda a parte, Hitler veio permitir que o seu adversário encare com maior largueza o horizonte do auxílio norte-americano e que o Almirantado prossiga com êxito nos seus novos métodos da batalha do Atlântico:

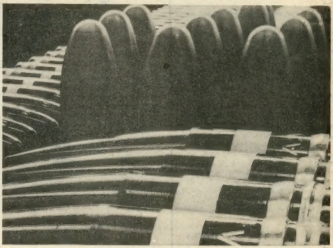
«É de notar que ainda ontem as nossas fôrças da R. A. F. combatendo não nos nossos céus, mas sim sôbre os céus da França, ali abateram, com pequenas perdas para

(Continua na pág. 12)

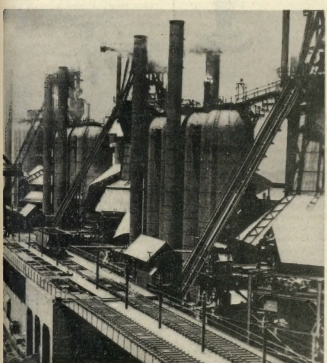
o esfôrço de guerra da Austrália

SYDNEY, CAPITAL DA AUSTRÁLIA, a terceira das maiores cidades do Império Britânico — depois de Londres e de Calcuta — centro principal do grande continente dos Mares do Sul, é hoje a sede de uma das mais importantes fontes de actividade para o esfôrço da guerra. A Austrália, quási tão grande como a Europa, mas habitada por uma só raça, tem-se desenvolvido de tal maneira que, presentemente, não só se basta a si própria, sob o ponto de vista industrial, como ainda exporta grande quantidade dos seus produtos manufacturados.

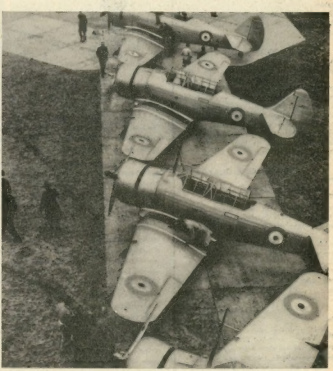
HÁ SEIS ANOS, a Austrália era um país essencialmente exportador de carneiros, minérios e madeiras. Importava da Inglaterra todos os produtos manufacturados de que carecia. A sua actividade agrícola abserviu tudo. Era a terra onde a criação de gado se fazia em maior escala.



AGORA, A SUA PRINCIPAL PRODUÇÃO É A DE MUNIÇÕES — produção superior à Índia, pràticamente igual à do Canadá, e, na proporção da sua população, em vias de ultrapassar a dos Estados Unidos. Muito dêste material tem seguido para o Egipto, para a Índia e para Singapura.



AS FÁBRICAS AUSTRALIANAS estão em plena laboração e fazem metralhadoras, espingardas, carros de assalto e aeroplanos. As fundições de aço da Austrália asseguram uma produção suficiente para os armamentos próprios e ainda para os da Inglaterra. Os estaleiros estão a construir contra-torpedeiros e caça-minas.



OS AVIÕES «WIRRAWAY» construídos perto de Melbourne são de boa qualidade e têm dado magníficas provas. No esfôrço de guerra australiano, inclue-se ainda a exportação de minério para a Inglaterra. A Austrália é riquíssima em ferro, carvão, chumbo, prata, ouro, zinco, cobre e antimónio. (Fotos «Britanova»).

Calça da Glória...

PINHEIROS

A «Voz do Operário», antiga e gloriosa instituição, organizou agora uma exposição: a exposição do pinheiro. Que pena não organizar também uma exposição de «pinhas» — que as temos, por ai formosas e de muito boa qualidade!

TÁBUA RASA

ESTE curioso grupo de boémia intelectual festejou, há dias, num jantar confraternizante, o seu primeiro aniversário. Não faltou nada — nem aequer um brinde em verso pelo poeta Cardoso dos Santos. Noite cheia. Só não se explica porque é que o banquete se teria realizado na Cooperativa Militar. Dar-se-á o caso da *Tábua Rasa* ter assentado praça?

30 OU 31

A LMADA Negreiros deu a sua exposição inaugurada, há pouco, no S. P. N., o título de «*30 anos de desenho*».

— Porque não lhe chamou antes 31 anos de desenho. 31 é um número de sorte... desátmos-lhe.

Logo ele:

— Porque tive mêdo de puxar jôgo — e rebentar...

POESIA

NO *Amuário dos Escritores*, recentemente publicado, encontra-se, em certa página, estes dados identificadores: «José da Silva Bastos. Funcionário da Companhia Carris de Ferro. Poesias».

Quem nos havia de dizer que Santo Apollo surgiria transformado em Santo Amaral

PRONTO PARA TUDO

AUGUSTO de Castro foi, uma vez convidado, para assistir a um casamento. Foi. Chegou, porém, a hora marcada para a cerimónia — e o noivo não apareceu. Passou-se tempo. De súbito, ouve-se Augusto de Castro exclamar, do alto do seu «frack» preto:

— Se é preciso um noivo para evitar mais demora, estou às ordens. Venho preparado para tudo...

ORADORES E ORATÓRIA

O dr. Mendes Correia dizia-me, há dias:

— A oratória tem sido, por vezes, um veículo terrível de ideias falsas. Não tenho por isso grande consideração por ela...

— O que não quere dizer — observei — que não seja um excelente orador...

— Orador, não. Afirmo algumas palavras com certo desplante... Nada mais.

CONSTA...

QUE o ilustre poeta Afonso Lopes Vieira, autêntico príncipe Jacinto da Poesia, esteve uma noite destas num popular restaurante da rua da Conceição (da Glória, evidentemente) onde saborou, com admirável hirismo, um bife com batatas fritas...

To bife or not bife! — eis a questão!

O GRANDE CUNHA

Alves da Cunha nasceu actor — como outros nascem poetas ou sapateiros. O pai, médico ilustre, pretendia naturalmente que o filho fôsse conselheiro de Estado, mas estava escrito no livro do destino que êle havia de ser artista — e foi-o. Lucinda Simões, que quiera os seus primeiros passos, disse uma vez: — «Tem muitos defeitos êste rapaz, mas, ou eu me engano muito, ou há-de dar que falar!». E tem dado. A risonha profecia de Lucinda cumpriu-se.

Forte, truculento, impetuoso, musculoso, verdadeiro atleta dramático capaz de pegar pela guela do ciúmes num Shakespeare ou num Molière, num Ibsen ou num Bernstein, e de o atirar, conforme a disposição, para a glória ou para as profundas dos infernos, espécie de d'Artagran do teatro ostentando voluptuosamente a calva dum romano do baixo império, a existência dêste homem tem sido, como Eça dizia da vida de Camilo, um autêntico romance de cavalaria. Se êle quisesse descrever-nos as suas aventuras — nem D. Quichote lhe ganhava! Se êle se permitisse contar-nos as suas memórias — ardia Troia! Oscilando permanentemente entre duas causas — a arte e as finanças — quando procura resolver uma, é certo que complica a outra. Actor até à medula, trazendo com a mesma empolgante simplicidade a tragédia e o drama, a comédia e até a farsa, há muito que se lhe abrirum as portas de bronze do triunfo. É uma figura. É estruturalmente um artista. Um dia, em Evora, certo alentejano trouchudo, habitualmente insensível, ao vê-lo representar «A Gorra», não pôde deixar de exclamar, no momento mais dramático da peça, limpando, quási vèxado, os olhos húmidos de lágrimas:

— Raios o partam!

OS GINJAS

ARNALDO Ressano Garcia increveu, no seu programa de humorista, a publicação dum jornal de caricaturas a crítica que terá esta particularidade: ser colaborado apenas por escritores e artistas de mais de 50 anos. O jornal intitular-se-á *Os ginjas*. Escusado dizer que os ginjas de Arnaldo Ressano — serão todos bem compostudos...

O PROGRESSO

OS jornais anunciaram recentemente que Sua Santidade se barbeava tôdas as manhãs com uma máquina eléctrica do mais aperfeiçoado sistema. Houve quem se lasurgisse com tal coisa.

Afinal, apenas se prova, mais uma vez, que o Progresso põe as suas mãos em tudo: agora até na cara do Santo Padre...

UM DITO DE RAMADA

UM dia dêstes, D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso, conhecida pianista, e o advogado dr. Jaime Seraiva Lima, foram assistir a uma tourada em Vila Franca. Quando se dirigiam para a estação encontraram Ramada Curto.

— Então para onde é a ida? — interrogou Ramada.

— A Vila-Franca. À tourada...

— Vai ser então uma tourada em dó sostenido... Claro, com a D. Elisa...

UMA PREGUNTA

EM certa reünião dum conselho escolar, estabeleceu-se viva discussão entre dois professores. À certa altura, um dêles ripostou violentamente ao outro, exclamando em seguida:

— Quem se não sente não é filho de boa gente, diz-se na minha terra...

Logo Leite de Vasconcelos, inquirindo:

— Onde é a sua terra, colega?

DOIS LIVROS

AQUILINO Ribeiro publicou agora um volume: *Sonho de Deus e a Casa roubada*. Saiu agora também um volume de Delfim Maia *Depois da casa roubada, trancas à porta*.

Haverá qualquer relação entre as duas coisas?

STUART CARVALHAIS

UMA tarde, em Quelus, Stuart Carvalhais, sempre descuidado de toilette, foi abordado por um saloio acompanhado por um burro.

— Ó tiozinho—diz o saloio—o senhor guardava aqui o «ma» burrito, enquanto eu vou ali ao mercado...

— Pode deixar...

Stuart ficou de guarda ao burro. Quando o saloio voltou, Stuart restituiu-lhe o animal e o saloio exclamou:

— Quere vir beber dois...

— Quero...

E foi. Ficaram pagos. Donde se conclue que um burro não vale mais do que dois decilitros...

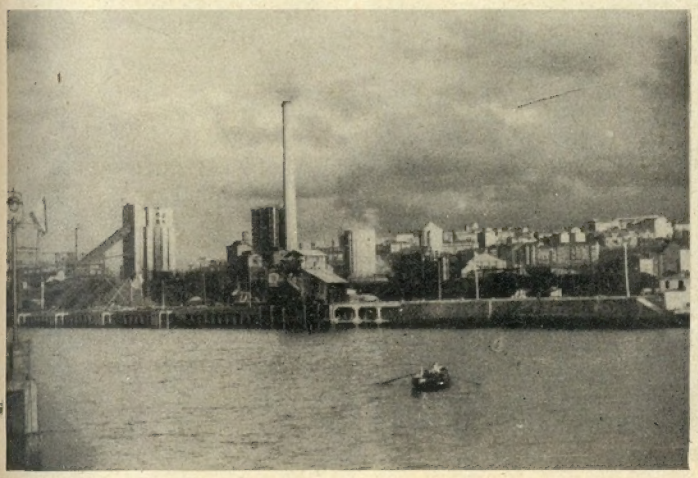
Luís d'Oliveira Guimarães

A Nova Espanha
Da guerra à paz

DOIS ANOS VOLVIDOS sôbre a reconquista de Madrid e da Espanha pelas tropas de Franco, o país adquire nova fisionomia pela renovação e remodelação das instituições sociais.

DOIS ASPECTOS DE BRUNETE, terra mártir da guerra civil, cujas ruas ficaram totalmente destruídas pelos bombardeamentos dos vermelhos.

O EXÉRCITO ESPANHOL desfila pelas ruas de Madrid. À esquerda: «tanks» de guerra; à direita: alunos das novas academias militares.

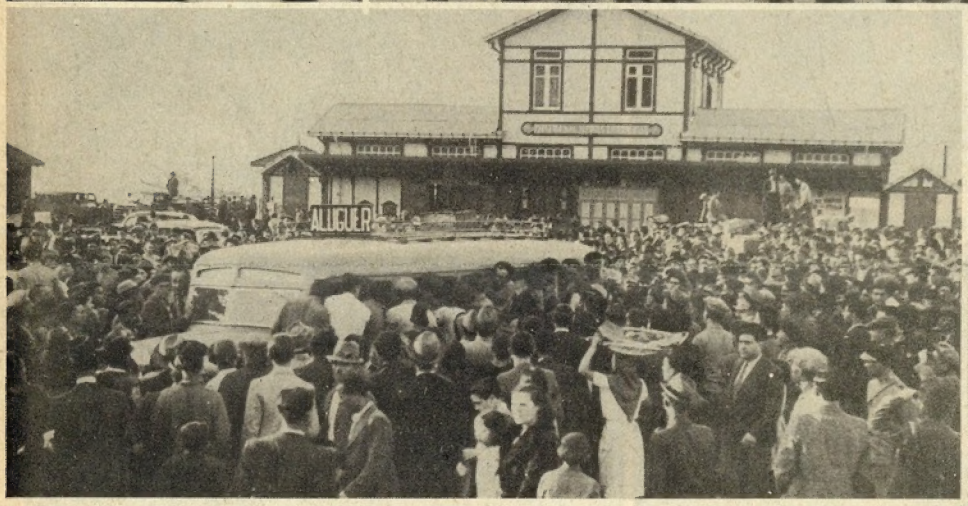


O POTENCIAL FABRIL DA ESPANHA: as fundições de altos fornos junto à ria de Bilbau

A RECONSTRUÇÃO DO PAÍS: Casa típica em Belchite, região devastada.

O naufrágio do «GANDA»

A REPULSA provocada pelo atentado à nossa neutralidade que representou o afundamento do «Ganda», sucederam-se, no espírito do público, a dor causada pela incerteza e, depois, a alegria pela notícia do salvamento dos 41 náufragos que foram recolhidos pelo barco de pesca espanhol «Ventura Gonzalez». O país vibrou de emoção. Arquivamos nesta página alguns aspectos da chegada a Lisboa dos tripulantes e passageiros. À esquerda, o capitão do «Ganda», ao desembarcar, com o sr. Bernardino Correia, presidente da Companhia Colonial de Navegação. Em baixo — Os primeiros náufragos, salvos pelo «Fafe».



A MULTIDÃO ACORREU AO CAIS DO SODRÉ à espera dos infelizes que, durante dias e noites, sofreram torturas, e que, após uma odisseia horrível, regressaram a Portugal. As camionetas em que elas vieram, de Vila Real de Santo António para Lisboa, foram assaltadas pelos populares e pelas pessoas das famílias que os queriam abraçar.

A CHEGADA DERAM-SE, COMO ERA NATURAL CENAS LANCINANTES DE COMOÇÃO. Os náufragos choravam, abraçados a familiares, a amigos e a desconhecidos. Em cima, à direita, o segundo maquinista do «Ganda» conta aos funcionários da Companhia Colonial de Navegação como se deu o afundamento e como, mais tarde, os tripulantes da lancha foram salvos.

O MOMENTO DRAMÁTICO QUE PRECEDEU O AFUNDAMENTO DO «GANDA» — Enquanto os náufragos se afastam nas baleeiras, entregues ao Destino, o submarino que torpedeou o barco, bombardeia-o com granadas incendiárias, para o afundar. (Reconstituição feita sôbre os depoimentos dos náufragos pelo distinto artista Stuart Carvalhais — Especial para «Vida Mundial Ilustrada»).

O CALOR
sempre chegou...

ANDAVA TÔDA A GENTE INDIGNADA com a tímida, vergonhosa Primavera dêste ano. Nunca se vira coisa assim. Ia já passado quási todo o mês de Junho, chegara o estio no calendário — e, afinal, não nos largavam a chuva e o vento. De súbito, porém, tudo mudou. O verão sempre veio. E, para nos «compensar» do tardio aparecimento, sobrecarregou-nos com um calorzinho especial — que tem sido a nossa alegria e o nosso tormento.

NUM REPENTE, INUNDARAM-SE DE ESPLANADAS AS RUAS DE LISBOA. A Avenida da Liberdade, com toldos e chapéus de sol, adquiriu uma feição estranha, uma fisionomia de praia. Não se toma banho, mas apanham-se duches de frescas limonadas e gazozas...

NÃO HÁ BEBIDA MELHOR QUE A ÁGUA! Muita gente não é da mesma opinião, bem sabemos, mas quando o calor aperta, todos pensam assim... sobretudo quando o dinheiro não abunda.

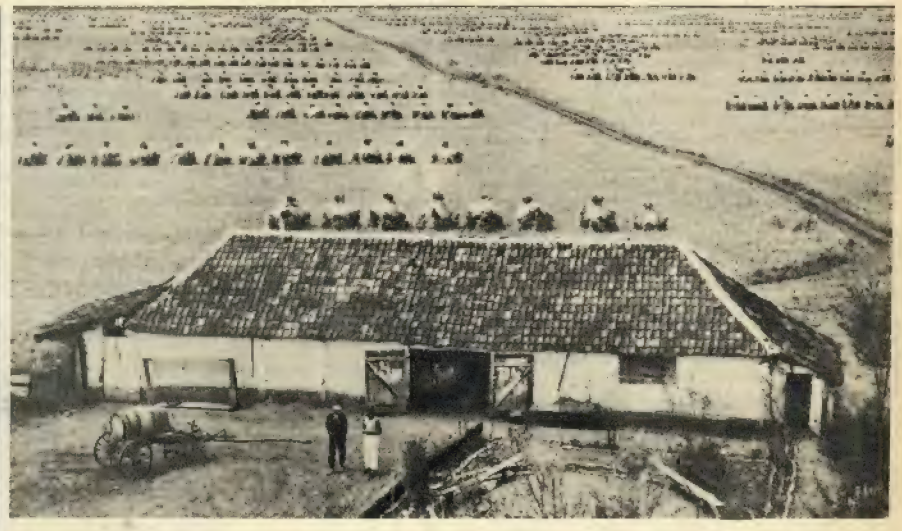
O CALOR AMOLECE OS CORPOS E FAZ CAIR OS MAIS VALENTES. Estas fotos, tiradas no Rossio, às cinco horas da tarde, são disto exemplo frisante: Quando se esgotam todos os meios de defesa, recorre-se às medidas extremas — tira-se o casaco.

DUM COPO DE BEBIDA GELADA À BÔCA DUMA MANGUEIRA, vai uma pequena diferença: é só questão de posição. Porque a satisfação que se alcança com o líquido fresco, a escorregar pela guela sêca — é a mesma, quer seja à porta dum café ou no meio da rua.

O REICH em guerra com a RÚSSIA

O GENERAL BRAUCHITSCH, chefe do Estado Maior alemão, que orienta as operações contra a Rússia, conversando com o general List, que comandou as tropas alemãs na campanha dos Balcãs e dirige agora a ofensiva do sul contra a União Soviética.

HÁ MESES, Hitler recebeu, em Munique, a visita do general Antonesco, «condutor» do Estado romeno, e teve com êle uma série de entrevistas que precederam os preparativos da campanha contra a Rússia.



OS CAMPOS DE TRIGO DA UCRÂNIA, que constituem um dos fulcros da contenda germano-russa, estendem-se em regiões vastíssimas. A foto, à direita, mostra-nos um aspecto da colheita do cereal nessa zona. EM BAIXO: Uma curiosa foto panorâmica dos terrenos petrolíferos de Moreni, na Roménia, onde se afirma terem sido lançados paraquedistas vermelhos, e por cuja posse combatem russos e germano-romenos.

O PÔRTO ROMENO DE CONSTANÇA, no Mar Negro, que foi incendiado pelos aviões russos.

SOLDADOS FINLANDESES, novamente em guerra com os russos, sob as ordens de Mannerheim.

PANORAMA INTERNACIONAL

Por FRANCISCO VELLOSO

(Continuação da página quatro)

si próprios, nada menos de 28 aparelhos alemãis, dêsses que têm invadido o solo francês. Isto, porém, é só começo. De hoje em diante a principal expansão das nossas fôrças aéreas aumenta a olhos vistos e dentro de mais seis meses o pêso do auxílio que estamos recebendo dos Estados Unidos, especialmente em bombardeiros pesados, far se-á sentir. Isto não é uma guerra parcial».

A conferência económica do outono, anunciado do Brenner, passou a outro plano. A subjugação da Rússia pelo Reich só pode valer, desde que para lá do Vistula assistamos a um esbarromdamento como o da França. Do contrário, a guerra carcomerá as energias do Reich como um câncro.

ANTES OU DEPOIS?

HESS

É absolutamente impossível que Hitler não o visse. Qual o imperativo que o determinou? O do bloco oriental do professor Koch? Êle, como vimos, dissera: «Depois, não antes». Porque passou a ser antes e não depois? Por causa de 29 milhões de toneladas de petróleo, de dois têrços do trigo europeu, de 6 milhões de toneladas de algodão, de mais de metade da produção mundial de manganês. A resposta a estas interrogações hão-de dar-no-la acontecimentos não longinquos.

Por agora, só temos diante de nós um documento de enorme valor: — a proclamação de Hitler aos nacionais-socialistas, pois é a êles realmente que tem de dar explicações, documento modelar, elaborado com extremo cuidado, mas com uma sinceridade diplomática evidente.

E o que nêle impressiona são os silêncios, os silêncios trágicos de Adolfo Hitler.

Para romper o «cêrco que a Inglaterra faria à Alemanha» teve de guardar silêncio perante o facto de «os governantes judeus-bolchevistas se esforçarem por lançar fogo ao mundo».

A Rússia depois do avanço alemão na Polónia, exige a Lituânia. «Apesar disso aceitei esta nova exigência russa». Outra vez foi Hitler obrigado a guardar silêncio.

A Rússia exige ainda a Finlândia. «Apesar disso tive de guardar silêncio».

Mas de repente os dirigentes do Kremlim reclamam na primavera de 1940 os Estados Bálticos. Hitler vê o russo às portas das províncias orientais, mas tem de evitar a concentração das suas fôrças a leste e guarda silêncio.

Depois, a Rússia invade a Romênia e apodera-se da Bessarábia. «Dei ao Govêrno romeno o conselho de ceder à chantagem soviética». Outro silêncio.

Tentativa russa de derrubar, com o auxílio de Horia Sima, o govêrno de Antonesco. «Apesar de tudo isso, julguei melhor continuando a guardar silêncio».

Vem o golpe de Belgrado. «Como guardámos silêncio, mesmo na presença dêste facto, os governantes soviéticos deram mais um passo». A Jugoslávia mobiliza? «Não julguei chegado o momento de quebrar o meu silêncio». Campanha balcânica.

«Mas, enquanto até aqui as circunstâncias me obrigaram pacientemente a guardar o silêncio, chegou agora o momento em que tôda a atitude de espectativa seria não só um pecado de omissão, mas ainda um crime cometido em prejuízo do povo alemão, ou seja de tôda a Europa».

Há três alemãis vivos que nêste momento fitam Adolfo Hitler: — Goering, o seu sucessor; Von Papen, o seu Talleyrand; Rodolfo Hess, o íntimo senhor dos seus segrêdos.

Há do outro mundo duas figuras que não desprendem de Hitler os seus olhares: — O príncipe Otão de Bismarck e o marechal Hindenburgo, o criador do Império e o salvador de Tannenberg.

A LIGA DE PROFILAXIA SOCIAL levou à Câmara Municipal do Pôrto um numeroso grupo de individualidades em evidência na capital do Norte que foram solicitar a cedência dum terreno para instalação dum Jardim-Escola João de Deus.

O SR. DR. CARLOS PROENÇA, director geral do Ensino Técnico, assistiu à exposição de trabalhos escolares da Escola Industrial de Faria Guimarães, do Pôrto.

DEPOIS DUMA VIAGEM DIFICIL, o rei Jorge da Grécia chegou ao Egipto, e ali se instalou com o seu govêrno nacional. A foto que publicamos acima foi tirada nos jardins do palácio onde se alojou e nela vêem-se alguns membros da família real e o oficial inglês que acompanhou o soberano grego na dura viagem.

UM CASO INÉDITO EM ESTABELECIMENTOS DE ENSINO TÉCNICO: Passagem de modelos do Curso de Corte da Escola Industrial de Faria Guimarães.

Acontecimentos da SEMANA

O ATENEU COMERCIAL DE LISBOA promoveu, pela quarta vez, os «Jogos Florais Acelistas», abertos a todos os profissionais do comércio e que obtiveram grande êxito. Um júri constituído pelos srs. Vasco Mendonça Alves e Artur Portela e pela sr.ª D. Maria Lamas — que presidiu à sessão solene efectuada naquela agremiação — classificou as produções apresentadas, que foram lidas pela sr.ª D. Maria Spranger.

O BAIRRO DE ALFAMA ESTEVE EM FESTA por motivo dum interessante arraial que ali se efectuou, promovido pela Emissora Nacional e pelo Secretariado da Propaganda Nacional. As principais ruas do pitoresco bairro da velha Lisboa estavam vistosamente decoradas com arcos, balões, tufos de verdura e flores. Houve descantes e guitarradas, noite fora. E Alfama readquiriu o seu tradicional aspecto folgasão das noites dos Santos populares.

O «GRUPO DOS AMIGOS DE LISBOA» visitou há dias o Colégio Militar, na Luz, percorrendo demoradamente as várias dependências daquêle estabelecimento de ensino. As fotos mostram-nos: em cima, o director do Colégio Militar recebendo os visitantes na Sala da Biblioteca e agradecendo os cumprimentos dirigidos pelo sr. Matos Sequeira; em baixo, os sócios do Grupo visitando a cêrca do Colégio.

(Fotos feitas com películas «Ferrania»)

ALMADA NEGREIROS, o grande artista português, inaugurou recentemente, no Secretariado da Propaganda Nacional, uma curiosa exposição de obras suas, que intitulou «Trinta anos de desenho», e que está a alcançar o maior êxito. A foto fixa o momento da inauguração, vendo-se o artista junto de António Ferro.

O PROF. GWILYM B. DAVIES, que regeu um curso de inglês na Faculdade de Letras de Lisboa, foi homenageado com uma festa no Instituto Britânico.

POLA NEGRI, a grande artista cinematográfica, durante a sua estadia em Lisboa

Roteiro sentimental do Mediterrâneo

Por LUIZ TEIXEIRA

(Conclusão da página dois)

onde nunca se chega pela primeira vez. O Campanil, a Ponte dos Suspiros, o Palácio Ducal, a Tôrre do Relógio são imagens conhecidas, cenário erguido na nossa visão de cálculo e reconstituído no nosso pensamento por mil sugestões de atraente propaganda, antes do dia feliz em que o nosso barco nos deixa no cais dos Escravos, numa tarde luminosa do estio. Faz-se na gôndola negra, balouçante, tôda a grande extensão do Canal maior entre casas velhinhas e sem côr, de cujas janelas e varandins se miram nas águas rostos serenos de madona. Enquanto a gôndola desliza em suavidade e tristeza repara-se nos palácios das margens onde se prendem os fios delicados das belas tradições — Byron, Napoleão, d'Annunzio; e se o visitante conseguir isolar-se da influência dos anacronismos irritantes deixando-se antes levar no arrebatamento da nostalgia dolente e mágica da serenata veneziana, na noite calma do Adriático, propícia ao mais puro inebriamento romântico, deixará esta terra com a amargura de quem se despede duma mulher que fêz a ilusão de amor da sua vida.

Trieste, Abbazia e depois — Ragusa e Cataro, paragens da minha saüdade. Ali a água é tranqüila e azul e também azul o céu muito certo e muito igual. Nas margens de lagos sucessivos e quebrados por esquinas onde velhas fortalezas decorativas perderam há muito a vigia defensiva dos navios de Bizâncio e de Veneza, trepa até o alto das montanhas que o sol beija discretamente, uma vegetação compacta e de côres agradáveis e quentes. Ilhotas muito quietas no silêncio que deixa ouvir no caminho para a antiga cidadela, o suspiro meigo das águas que se enrugam com doçura na quilha e o guinchar tímido das aves brancas que fazem a ligação do azul tão tranqüilo do alto com o verde artificial que escorre em grandes massas nos rochedos, em jeito de curvas desenhadas numa intenção superior e misteriosa de quem escreve no espaço as palavras de Deus em louvor da felicidade de viver no sossêgo da natureza e longe das agitações e desesperos do mundo.

Ilha de Corfu, terra da Grécia fora do rendilhado território balcânico e onde o «Achilleion», palácio real, branco, no meio da floresta de Kiziaki, espera, nas contingências da hora, a chegada dos novos senhores.

Subi a Acrópole, em Atenas, numa manhã de Julho. Entra-se na cidadela dos Deuses, pára-se em frente do templo da Vitória, do Erechtheion com o elegante alpendre das Cariátides e das colunas altivas do Partenon e dir-se-ia que vão surgir em cortejo fantástico Pericles e Aspásia para o coroamento solene de Fídias na sumptuosidade esmagadora do recinto. Mas em local algum como ali se aplica mais justamente a teoria de Simmel sôbre as ruinas — a luta eterna da natureza com o homem, ao longo dos séculos, lentamente, persistentemente, para recuperar tudo o que êle lhe arrancou para o maior esplendor dos caprichos do seu génio.

Quando a guerra me traz notícias destas terras maravilhosas do Mediterrâneo fecho-me, por momentos, em íntima meditação. Parece que torno a ouvir num eco amortecido a «Santa Lúcia» cantada nos barcos do golfo de Nápoles, a caminho de Capri; o côro alegre do «Funiculi-Funiculá» e as voltas harmoniosas da «Nina-Nana» na festa das rosas, no Lido. Dificilmente substituo na minha imaginação o episódio da Acrópole, quando sôbre as lajes dos templos, no cenário romântico das colunas, o corpo nu duma princesa de França imitou a harmonia ideal das estátuas ausentes, pelo quadro actual das nuvens escuras das fardas de guerreiros estranhos que sobem ao alto, mais em busca da conquista de horizontes do que movidos pelo encanto evocativo do passado.

Recordo então o original cemitério de Redipuglia nos montes rochosos do Carso, num canto sombrio do Adriático, onde jazem os restos mortais do terceiro corpo de Exército italiano na campanha de 914. E ligando tudo, as emoções da viagem e as novas angústias de mais combates, a minha memória traz-me, nítida e exacta, a imagem daquela despedaçada roda duma peça sôbre a campa dum soldado onde eu li esta inscrição eterna: **«A minha mãe disse-me: — Vai!... E eu estou aqui à espera dela...»**

acuda ao seu cabelo enquanto é tempo

Não é quando o cabelo já cais de todo e as raízes morreram que qualquer remédio pode fazer milagres.

É quando surge algum dos primeiros sintomas da existência duma causa oculta da queda do cabelo que se deve atacar o mal.

Ao pentear-se o pente vem cheio de cabelos. A gola dos seus casacos ou vestidos está com freqüência cheia de caspa.

Não é preciso mais. Qualquer micróbio está atacando o bolbo piloso e produzindo fermentações nrejudiciais à vida do cabelo, ou os canais por onde as raízes se alimentam estão obstruídos por poeiras ou gorduras. Algumas destas causas está minando as glândulas do crescimento do cabelo e é preciso actuar sem demora.

O combate deve ser fulminante. Não procurar experimentar remédios aprendidos ou ouvidos.

É aplicar imediatamente — porque quási imediato é o resultado — o *petróleo Quimico Nally*, que há muitos anos já, médicos, professores, farmacêuticos e principalmente os milhares de pessoas que o usam podem informar da sua constituição e maravilhosos efeitos.

O *Petróleo Quimico Nally* contém na sua fórmula todos os elementos para combater as diferentes causas da queda do cabelo e ainda outros elementos que podem restabelecer o vigor às raízes. Faz desaparecer a caspa ràpidamente e torna o cabelo sedoso e domável. Uma fricção diária é a melhor garantia da conservação dum bom e farto cabelo.

Tratado e defendido pelo *Petróleo Quimico Nally* largos anos resistirá à idade, aparentando 10 a 20 anos menos do que aqueles que realmente tem.

Vida MUNDIAL Ilustrada

CONDIÇÕES DE ASSINATURA

Continente e Ilhas: 3 meses (12 números) — 11$00; 6 meses (24 números) — 22$00; 12 meses (48 números) — 43$00. — África: 12 meses (48 números) — 60$00.

Estrangeiro c/convenção — 12 meses (48 números) — 65$00.

Estrangeiro s/convenção — 12 meses (48 números) — 80$00.

COMPOSTO E IMPRESSO nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), L.da — Tr. da Condessa do Rio, 27 — Lisboa.

Visado pela Comissão de Censura

a Itália em guerra

NO PRIMEIRO ANIVERSÁRIO DA ENTRADA DA ITÁLIA NA GUERRA, Mussolini pronunciou um discurso. A foto mostra-nos um aspecto da Praça de Veneza quando a multidão ouvia, atenta, as palavras do chefe italiano.

À DIREITA: Movimentado instantâneo do desembarque, em Creta, duma companhia de carros de assalto italianos. EM BAIXO, à esquerda: Uma bataria de fogo anti-«tank» e respectiva guarnição, no decorrer de um dos violentos combates na frente de Sollum. EM BAIXO, à direita: O Duque de Aosta numa das últimas fotografias de guerra, antes da rendição das suas tropas: inspeccionando posições durante os ataques britânicos a Amba-Alagi.

O SR. PROF. PAULO DA CUNHA fêz na Ordem dos Advogados uma conferência sôbre «A teoria da instituição». Presidiu o bastonário da Ordem sr. dr. Carlos Pires e na mesa de honra tomaram lugar os srs. drs. Botelho de Sousa, presidente do Supremo Tribunal de Justiça; Belesa dos Santos, director da Faculdade de Direito de Coimbra; Rui Ulrich, director da Faculdade de Direito de Lisboa; e Cancela de Abreu, Procurador Geral da República.

A PRIMEIRA MÉDICA VETERINÁNIA PORTUGUESA é a sr.ª Dr.ª D. Luíza Amélia Loup — que se licenciou há dias com distinção.

O SR. MINISTRO DO INTERIOR com os srs. capitães Sérgio Vieira e Moreira de Carvalho e dr. Pestana da Silva, respectivamente, governadores de Ponta Delgada, Horta e Angra do Heroísmo.

B.B.C. A VOZ DE LONDRES B.B.C.

FALA

E O MUNDO ACREDITA

Noticiário em LÍNGUA PORTUGUESA

Hora de verão		Estações	Ondas curtas
13.15	Noticiário	G R Z	13.86 m. (21,64 mc/s)
		G S O	19.76 m. (15,18 mc/s)
13.30	Actualidades	G R V	24 92 m. (12,04 mc/s)
22.00 (*)	Noticiário	G S C	31 32 m. (9,58 mc/s)
		G S B	31.55 m. (9,51 mc/s)
22.15	Actualidades	G R T	41.96 m. (7.15 mc/s)

(*) Este noticiário ouve-se também em 24.92 metros (12.04 mc/s) em G R V

NÃO uma mistura qualquer
NÃO um produto de fantasia
SIM um produto natural
SIM um petróleo verdadeiro
PETROLITE

para a conservação do cabelo

PETROLITE é diferente. Não contém álcool. É um produto dos poços petrolíferos norte-americanos. Elimina a caspa à primeira aplicação. Dá ao cabelo, que vigoriza e ondula, o aspecto cuidado das pessoas civilizadas.
Dispensa o uso de quaisquer loções ou fixadores.
Frascos de 6$00, 11$00, 20$00 e 40$00
PETROLITE em pó, caixas de 4$00 e 7$50
PETROLITE-HAIR TONIC
COPYRIGHT BY FERBA 1941

Depositário para o Império Português e Espanha: FARMÁCIA INTERNACIONAL, Rua do Ouro, 228 a 230 — Lisboa.
NOTA: No caso de não encontrar esta especialidade no seu fornecedor habitual, escreva-nos um simples postal e recebê-la-á sem mais despesas contra reembôlso na volta do correio.

Dois filmes portugueses

O CINEMA PORTUGUÊS continua! Dois novos filmes estão em realização na Tobis Portuguesa e outros se preparam para se seguirem a êstes. A indústria cinematográfica nacional parece ter, finalmente, atingido aquêle ritmo que o público tanto desejava e que tão útil é aos interêsses do nosso cinema, da arte e dos artistas. Um dos filmes em acabamento nos estúdios da Quinta das Conchas é «Lobos da Serra», realização de Jorge Brum do Canto, interpretado por um grupo de bons artistas, cujos méritos ficaram assinalados em trabalhos anteriores. Damos nesta página duas fotos inéditas desta produção. Em cima, Maria Domingas, a intérprete de «João Ratão», e António de Sousa, que se evidenciou em vários filmes ultimamente realizados, numa cena de «Lobos da Serra».

MANUEL SANTOS CARVALHO E «COSTINHA», os dois notáveis actores cómicos, são intérpretes de «Lobos da Serra», de Jorge Brum do Canto. Vêmo-los na foto, em cima, numa cena pitoresca.

«ALA, ARRIBA!», grito e cântico de trabalho dos pescadores poveiros, é o título do novo filme de Leitão de Barros. Feita segundo um argumento de Alfredo Cortez, dramaturgo distinto, esta produção apresenta a curiosa característica de ser interpretada exclusivamente por amadores e, na sua maior parte, autênticos habitantes da praia da Póvoa do Varzim — local onde decorre a acção do filme. Elsa Bela Flor, uma rapariga poveira que veio da terra litoral onde nasceu e vive, para o estúdio do Lumiar, a-fim de filmar «Ala, Arriba!», é a «vedeta» feminina da nova produção. Vêmo-la, na gravura em cima, numa cena de interior. À direita, dois autênticos pescadores da Póvoa do Varzim interpretando uma passagem do trabalho de Leitão de Barros e Alfredo Cortez.

HUMORISMO

A escravatura da moda

por Leonel Cardoso

EIS a única escravatura que não acabou nem acabará enquanto o Mundo fôr Mundo. Nasceu com o primeiro homem ou, melhor ainda, com a primeira mulher, e só acabará quando a espécie humana se extinguir.

A Moda é soberana e ditadora. O seu poder imenso domina o Mundo e estende êsse domínio aos recantos mais afastados do Globo. É claro que Ela varia com o local e o grau de civilização.

O que são as tatuagens, os ornamentos de peles de animais e penas de aves, usados pelas tribus selvagens, senão imposições, decretos com fôrça de lei, de S. Ex.ª a Moda?

Tudo nos leva a supor que a Moda data da fundação do Mundo. Por certo que já Adão e Eva eram seus escravos. Não dispomos de documentos ou figurinos dessa época que nos facilitem o estudo da Moda no Paraíso, mas é natural que a nossa mãe Eva usasse, segundo as Estações do Ano e a Moda em vigor, saiótes ou tangas de diversas matérias-primas.

E assim, no Verão, usaria macias penas de ave; na Primavera, peles de gazela; no Outono, talvez peles de raposa e finalmente no Inverno, quem sabe se fartas peles de urso.

O Adão, à semelhança dos homens de hoje, seria menos variável nas suas «toiletes». É provável que apenas dispusesse de fôlhas de parra verdes para a estação calmosa e outras sêcas e amarelecidas para o Outono e Inverno.

Do mesmo modo, a Moda estender-se-ia à célebre «Maçã do pecado» que, ora seria «reineta», ora «camoesa», etc.

* * *

Para podermos estudar metòdicamente a influência da escravatura da Moda no sexo fraco, talvez seja conveniente adoptarmos a já velha divisão do corpo humano em: cabeça, tronco e membros.

Comecemos pela cabeça.

Sob o ponto de vista arquitectónico, os penteados femininos dêstes últimos vinte e cinco anos, podem dividir-se em três estilos diferentes:

ESTILO MANUELINO — que é representado pelas longas tranças, formando carrapito, usadas até 1919. As tranças lembravam os grossos cabos entrelaçados, motivo decorativo muito usado na célebre janela do Convento de Cristo, em Tomar, e evocam a nossa epopeia marítima. Os ganchos de tartaruga ou massa, deixando aparecer aqui e além as suas partes arredondadas e achatadas, lembram as bóias de cortiça, enfiadas nos mesmos cabos, de espaço a espaço, como nas rêdes dos pescadores. E até aqueles cabelinhos soltos, na nuca, nos lembram outro elemento decorativo da citada janela — as algas marinhas.

Seria uma arquitectura pesada, não contesto, mas tem direito à nossa veneração e respeito.

Temos depois os cabelos à «Garçonne» que, com a sua simplicidade, as suas linhas sóbrias, quási inexpressivas, nos lembra o estilo moderno, talvez arrojado, do EDEN TEATRO, e, coincidência curiosa, como êste, vivendo apenas da pintura ornamental, do cartaz da frontaria.

Finalmente temos o estilo ultra-moderno, frívolo, cheio de voltas e reviravoltas, de reentrâncias e saliências, de rôlos e tubos ou seja o estilo HOTEL VICTORIA.

Procuremos agora dar-lhes uma ideia da maneira como se operou a mudança do ESTILO MANUELINO para o ESTILO EDEN TEATRO, visto que dêste para o ESTILO HOTEL VICTORIA a mudança se operou imperceptìvelmente e quási sem atritos.

O penteado acompanhou sempre a evolução da Arte em todos os tempos, excepto quando apareceu a Arte Moderna.

As cabeleiras, êsse manto natural, que eram o orgulho da mulher e que de manhã e à noite ocupavam uma boa hora a desentrançar, desembaraçar, pentear e tornar a entrançar, não queriam ceder, não queriam ser sacrificadas.

Ou melhor... elas não tinham querer... as Senhoras queriam, mas os homens, os pais, os maridos, não consentiam.

Mas a Moda, por intermédio dos seus serviços secretos de propaganda e espionagem, ia espalhando o vírus da revolta. A luta nos lares toma aspectos trágicos. As Senhoras atacam. Os homens defendem-se, mas vão perdendo terreno.

O inimigo espreita, organiza-se e adopta a guerra de guerrilhas, de ciladas. Em geral, a ofensiva esboça-se com «raids» de reconhecimento, patrulhas de observação e fogos de barragem, por intermédio de pessoas de família, amigos, etc. Depois planeia-se a «Grande Ofensiva» e escolhe-se para tal, o dia do aniversário da dona da casa.

Nesse dia o marido sai de casa, mais cedo, para o emprêgo. A mulher mobiliza a sua melhor amiga para a acompanhar ao cabeleireiro. Corta o cabelo.

Sente um ligeiro tremor, uma sensação estranha, quási um remorso, mas... o que não tem remédio!... Bem ou mal, venceu-se a rotina, acabou-se com aquele estigma de «bota de elástico». E sacudindo a juba, pela primeira vez, como altivo leão, exclama:

— Seja o que Deus quiser!...

... À tarde, jantar de anos, convidados, amigos, parentes, pessoas de certa cerimónia... enfim, todo o ambiente festivo de tais dias.

O marido chega mais cedo que de costume, com um lindo ramo de flores e uma carinhosa lembrança para a sua «cara metade».

De súbito, por entre os convidados, surge a espôsa, meia embaraçada, meia sorridente, com a surpreza máxima, — com o cabelo cortado!...

Êle muda várias vezes de côr, vacila, sente a vista fugir-lhe, tem tentações de estrangulá-la pela sua rebeldia, pela desobediência às suas imposições, mas... todos sorriem, todos estão suspensos, aguardando as impressões do dono da casa.

Sente um ligeiro tremor, uma sensação estranha...

Ràpidamente, êle compreende a gravidade da situação, o ridículo que seria uma cena desagradável, uma reprimenda em público, que empanaria o brilho e alegria daquela festa e... transformando, por um esfôrço formidável, um princípio de apoplexia num sorriso de bondade e de concórdia, sorriso tão amarelo como os prédios de Lisboa, beija-a longamente na testa, sabe Deus com que vontade, e diz-lhe: — Que esplêndida ideia!... Mas que agradável surpreza!... Vai-te realmente muito bem ao parecer!...

E todos soltam um suspiro de alívio, pois todos se sentiam, mais ou menos, cúmplices daquele crime de alta traição.

A título de curiosidade vou agora contar-lhes como, aí por alturas de 1920, nasceu a Moda dos cabelos à «Garçonne».

Antoine, um grande artista, autor dos mais arrojados modelos de penteados, com cabeleireiros trabalhando sob as ordens, mas não sabendo cortar cabelos, viu entrar no seu estabelecimento uma cliente, artista de teatro, que tinha uma linda e pequenina cabecita. Tentou-se a experimentar cortar-lhe o cabelo. Deu-se o inevitável. Foi cortando, acertando, tornando a cortar, até que, alarmado, pois à cliente já pouco cabelo restava, chamou o melhor dos seus empregados e ordenou-lhe que concluísse o trabalho dentro daquela linha que êle involuntàriamente demarcara. Concluído o trabalho, exclamou:

— Que linda «Garçonne»!... E assim nasceu esta moda, segundo reza a história.

Mas a minha opinião é bem diferente, bem mais crível, bem mais natural.

A Moda do cabelo à «Garçonne» inspirou-se sem sombra de dúvida, nas galinhas de pescoço pelado, que, por sinal, na opinião do povo, são as mais saborosas.

Depois, gradualmente, pouco a pouco, os cabelos foram ondulando, tomando um aspecto mais feminino e começaram a aparecer os caracóis nas fontes e espalhados pela cabeça. Desapareceram as nucas rapadas, aumentaram as ondas e finalmente levantou-se um enorme temporal. As ondas tornaram-se alterosas, levantaram-se, formaram torvelinho, subiram pela nuca e pelas fontes e vieram rebentar sôbre a testa que cobriram ao de leve, para depois em 1938 se elevarem de novo na testa e nas fontes e virem espraiar-se pela nuca abaixo, formando um rôlo que se projectava sôbre os ombros, por detrás das orelhas. Finalmente, no presente, mantêm-se as mesmas vagas alterosas em busca do infinito e que depois correm pela nuca, vindo morrer em caracóis sôbre o pescoço. Dizem que as ondas, os caracóis e os rôlos, são outros tantos artifícios para dar às cabeças um ar mais leve e mais feminino. Como se a cabeça de uma mulher não fôsse sempre feminina pelo olhar, pelo assetinado da pele, pela frescura dos lábios...

Como se essas cabecitas não fôssem sempre «leves», frívolas, femininas, enfim, a ponto de perderem tempo infinito em frente do espelho, do seu melhor amigo, do seu confidente, para conseguirem arrancar, com requintes de preversidade, um a um, os pelitos das sobrancelhas que elas consideram supérfluos, quando bem aproveitados e transplantados, fariam a felicidade de milhares de carecas!...

Não foi, porém, apenas no formato que a Moda exerceu influência nos penteados. A côr dos cabelos também sofreu profundas reformas. Começaram a aloirar algumas centenas, para não dizer milhares, de senhoras, não sei se influenciadas por aquela opinião, posta a correr mundo, de que os homens preferem as loiras.

Ao mesmo tempo começaram a rarear os cabelos brancos. Lá aparecem uma vez ou outra mas, caso curioso, em geral nas meninas de 18 a 20 anos!... Tomam então o nome de «platinados».

Acabaram as senhoras de idade, o sal e pimenta, os cabelos grisalhos.

E realmente assim é que está certo e mais harmónico com aquele velho hábito que as senhoras sempre tiveram, de estacionarem nos 30 anos. Depois, lentamente, lá se vão aproximando dos 40. Daí é raríssimo passarem!...

Já agora não quero abandonar a cabeça sem lhes falar dos chapéus, outro adôrno feminino onde se têm operado milhares de judiarias. Desde os monumentais chapéus vergados ao pêso de verdadeiros canteiros de flores ou de gigantescos laços de fitas, até aos minúsculos chapéus reduzidos apenas à copa com uma azelha para se lhes pegar, ou àquelas simpáticas tranças de seda para apertar a cabeça, ou ainda à ausência absoluta de chapéu, as senhoras têm conhecido todos os horrores da sua escravidão. Actualmente, então, aparecem os mais disparatados modelos que a nossa imaginação, por mais pobre que seja, pode comparar aos mais variados objectos. Há os que se assemelham a um bôlo de noiva, a um cogumelo, a uma ampulheta, etc. Há ainda quem imprudentemente se arrisque a aparecer em público com aquilo a que eu chamo «chapéu lavadeira de Caneças» e que é afinal um simples lenço semelhante ao que usam as saloias e as criadas chegadas da província. Não será pròpriamente um chapéu, mas se formos a ver bem, também não são chapéus, mas apenas coisas de pôr na cabeça, a maior parte dos outros que aí se vêem. E aqueles chapelinhos minúsculos que parecem, e talvez sejam de facto, o aproveitamento dos que pelo Carnaval se costumam atirar cheios de minho e serradura? Com que graça Elas os conseguem segurar à cabeça por um finíssimo elástico!...

E ainda os que se assemelham aos das varinas e talvez em homenagem à gente do mar têm em geral uma bolsa de rêde grossa ou de veludo, na parte posterior?

Que maravilha de previsão e de comodidade! Como farão arranjo para esconder o cabelo quando não há tempo de o pentear!

E os chapelinhos feitos de peles, muito fofos, como um ninho de ave?

A estes, porém, acho-lhes dois inconvenientes:

1.º Devem aquecer demasiado a cabeça e lembra-me sempre aquele velho ditado: «Juizo e cabeça fresca!...».

2.º É preciso muita cautela, porque o deixar fazer o ninho no alto da cabeça é meio caminho para lho fazerem «atrás da orelha» e isso é que devem evitar.

Agora uma pregunta, talvez atrevida e impertinente mas justa e natural:

Porque não lançaram as Senhoras, no passado ano de 1940, das Comemorações Centenárias, uma Moda bem portuguesa, bem nacionalista?

Não se trata de gracejo. Nas ondas dos vossos cabelos, negros ou fulvos, não ficaria bem, altaneira, inclinada com graça, uma caravela estilisada, de veludo preto, com velas de seda branca, enfunadas, nas quais sangrasse, bordada ou pintada, a Cruz de Cristo? Que pêna não terem tido essa coragem ou pelo menos essa ideia, porque talvez esta bastasse. A Moda faria o resto, decretaria, e estou convencido de que seria obedecida.

Passemos agora ao corpo, aos fatos.

Falemos dêles apenas de raspão, ao de leve, visto que o espaço nos falta.

Quero apenas recordar as travadinhas e as suas antípodas, as saias de balão. As golas altas com barbas de baleia e os decotes até ao estômago. Aas mangas de quimono, as de presunto e as justíssimas. Os casacos rodados, com peles e os impermeáveis transparentes com capuz do mesmo tecido.

E as saias? Ora chegam ao chão e se enrolam nos pés, e formam cauda e são espêsinhadas... ora sobem, encurtam, atingem o joelho, hesitam e... torna-se difícil fazer prognósticos sôbre a altura que poderão atingir.

Eu bem sei que a saia curta é mais simpática, mais útil, mais prática, mais higiénica. Não varre as poeiras, não arrasta os micróbios, não embaraça a marcha, não leva tanta fazenda.

E então quando têm aqueles golpes ao acaso, abotoados ao acaso, às vezes mesmo como se fôssem desabotoados por acaso... isso então são uma maravilha para facilitarem os movimentos, as subidas para os carros eléctricos do Campo Grande, com os estribos no 1.º andar e a entrada nos taxis aero-dinâmicos.

Além destas razões, porque havemos de ser tiranos para com as saias?

Ninguém gosta de rastejar na lama e as saias também não.

Todos nós temos tendência para nos elevarmos e elas, as saias, também.

É justo, é humano que assim seja.

Há, porém, uma coincidência curiosa que por certo todos têm notado mas cuja origem talvez desconheçam.

Geralmente quando as saias descem, descem os decotes, como se a descida fôsse uma deslocação geral do conjunto do tecido. Do mesmo modo, quando as saias sobem, sobem os decotes, chegando mesmo a formar gola alta.

Será uma simples coincidência? Ou terá o fim, lógico, humano e alturista, de evitar que diminua o consumo da fazenda, visto que da Indústria Textil vivem milhares de operários?

Parece-me antes uma maneira hábil de dosear as sensações fortes e manter num nível constante o interêsse pelo fruto proibido.

Dêste modo, de facto, os nossos olhos, ávidos de beleza, sempre ansiosos por contemplar os maravilhosos predicados com que a Natureza dotou a Mulher e que esta, outrora mais do que hoje, avaramente procurava ocultar-nos, vêem apenas parcialmente satisfeitos os seus desejos. Não correm assim o perigo duma «indigestão oftálmica» de conseqüências funestas, principalmente, para as próprias Senhoras. A exposição demasiada, por atacado, traria o desinterêsse, a falta de curiosidade, a saturação.

Ao passo que assim, ora nos deslumbra a contemplação dum lindo colo, ora nos é vedado tal prazer, mas, em compensação, podemos apreciar a linha escultural duma perna bem lançada e bem calçada.

* * *

E seguindo para a terceira parte, para os membros, nós vamos assistir às variadíssimas evoluções das luvas que ora não têm canhão, ora têm canhões de grande alcance, ora são completamente estanques para evitar a entrada do frio, ora são furadas como um passador, para ventilarem bem as mãos, ora até não têm dedos e tomam nesse caso o nome de «miténes».

E que me dizem dos braços transformados em verdadeiros mostruários de pulseiras e os dedos fusiformes emparedados e movendo-se dificilmente dentro de larguíssimos e consecutivos anéis?

Finalmente as unhas sanguíneas, como as de uma fera que tivesse acabado de as cevar nas carnes tenras da sua vítima, fazem-nos lembrar com certo receio de que há Senhoras, e não são tão poucas como isso, que quando «metem a unha» são um «caso sério».

É talvez oportuno passar para os pés, embora correndo o risco de me acusarem de «meter os pés pelas mãos».

As meias, criadas por certo para defenderem a epiderme da acção do tempo, são hoje quási imperceptíveis e por vezes só a costura nos tira as dúvidas sôbre a sua existência ou ausência.

São o adôrno mais imprescindível da Mulher, embelezando a perna, dando-lhe mais frescura, mais «sex-apeal», excepto quando, por negligência ou desmazêlo, as trazem caídas e torcidas em parafuso como a perna dum «bufête» antigo.

As meias servem ainda para definir o temperamento das Senhoras.

Quando estas são tímidas diz-se que são de «meias falas». Se pelo contrário são desembaraçadas, enérgicas, destemidas, é costume dizer-se que não são de «meias medidas».

Vem a propósito falar-lhes dos sapatos que actualmente têm importantíssimas missões a cumprir:

1.º Tornarem altas as Senhoras baixas.

2.º Fazerem um pèzinho pequenino às que o têm grande.

E senão vejamos: — Aqueles sapatos de grossíssimas solas de cortiça ou de borracha que outrora se usavam apenas nas pessoas coxas e mesmo assim só do lado da perna mais curta, usam-se agora nos dois pés das pessoas baixas e até de algumas altas, o que nos leva a supor que, ou são coxas de ambas as pernas, o que seria para lamentar, ou são coxas do bom senso, o que não é menos lamentável.

Vejamos agora os outros, aquêles sapatos sem biqueira nem contraforte.

O pé fica à vontade. Os dedos saem pela frente, o calcanhar por detrás e tôdas passam a calçar mais ou menos 35.

Para terminar êste inventário sucinto das manifestações que nos provam quanto a Mulher é de facto «Escrava da Moda», vou ainda citar-lhes alguns exemplos de quanto, por vezes, as exigências e imposições da Moda são apenas a satisfação do seu capricho despótico e não têm sequer uma explicação lógica.

Para que se inventou o uso das peles? Certamente para abafar. Pois hoje, elas são apenas para «inglês ver» e para «português pagar».

Debruam as orlas, as mangas, os bolsos, dos casacos. Servem de dragonas nos ombros para tornarem as costas mais largas e darem um ar mais marcial. Finalmente outras caem, pendentes e inúteis, dos ombros, apenas gritando luxo e ostentação, para fazerem inveja às que lhes não podem chegar. Para abafar lá estão as jaquetas, os casacos curtos e capas, que abafam o tronco enquanto as pernas tiritam de frio mal cobertas, do joelho para cima, por uma ligeira combinação de seda e um fato de malha larga, arrendada. A-pesar-de que eu estou, há muito, convencido de que quem apanha maior calor é o marido, o pai, ou enfim quem as paga.

E para finalizar, não me dirão para que servem aqueles guarda-chuvas transparentes em borracha ou celofane? Anémicos, débeis, frágeis, a ver-se o ar por êles, causam-nos pêna. A que grau de definhamento chegaram estes descendentes em linha recta do velho guarda-chuva de barbas de baleia e pano azul com ramagens brancas, que podiam abrigar uma família inteira e ainda o cão, o gato e a criada!... E afinal, para que servem agora estes «fetos de guarda-chuva»?

Como são transparentes... talvez para ver se chove!... E em caso afirmativo, chama-se um taxi ou recolhe-se a um portal ou ao estabelecimento mais próximo.

E basta de graças porque com as Senhoras não se brinca. Numa Mulher não se toca nem com uma flor, nem mesmo de retórica. E de resto, nós Homens, não temos categoria para tal, porque somos escravos das Escravas... escravos da Mulher e porque não confessá-lo... com prazer!

A Mulher, o ser mais belo da criação, o «bibelot» mais delicado com que a Natureza nos quis brindar, representa afinal tudo quanto há de sagrado para nós neste Mundo!

Elas são as mães, as espôsas, as irmãzitas, as noivas... todos êsses entes por quem nós somos capazes de todos os sacrifícios!

Que admira pois que nós sejamos Escravos da Mulher?

Convite para jantar

Por Stuart Carvalhais

— No dia dos meus anos, convidei quatro amigos para jantar: um beirão, um minhoto, um trasmontano e um algarvio.

O beirão trouxe um belo queijo da Serra.

O minhoto trouxe um pipo de belo verdasco.

O trasmontano, trouxe um grande presunto de Chaves.

— O algarvio... êsse trouxe a família tôda para jantar.

SOLDADOS DA AMÉRICA

OS ESTADOS UNIDOS REFORÇAM A SUA POSIÇÃO NO PACIFICO. Fôrças da Guarda Nacional partem para as ilhas de Hawaí. É o aspecto doloroso da despedida de um dêles que reproduzimos nesta página. Pai e filho vivem a amargura da separação.

Vida MUNDIAL Ilustrada